



EDUCAÇÃO REMOTA A PARTIR DA PANDEMIA DO COVID-19: OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES DE ITAITUBA-PA

Josiely Silva Sousa Aguiar¹, Wully Barreto da Silva²

¹Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, IFPA Campus Itaituba
E-mail: josielysousatec.itb@gmail.com.

²Docente de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFPA Campus Itaituba.
E-mail: wully.silva@ifpa.edu.br

Recebido em: 15/02/2025 – Aprovado em: 15/03/2025 – Publicado em: 30/03/2025
DOI: 10.18677/EnciBio_2025A3

RESUMO

Durante a pandemia da COVID-19, a população foi surpreendida com diversas mudanças. Dentre estas, o método educacional, quando os estudantes do ensino presencial tiveram que se adaptar ao método de ensino remoto emergencial para seguir o ano letivo. Com o cenário do momento, os professores enfrentaram necessidades de se reinventar para continuar as suas atividades pedagógicas, e embora fosse desafiador, o período fez com que o uso de tecnologias digitais na educação fosse imprescindível. Este trabalho objetivou analisar experiências de professores e desafios no ensino remoto emergencial, através de uma pesquisa qualitativa e descritiva, utilizando uma amostra não probabilística formada por questionários aplicados aos professores regulares do ensino fundamental em escolas públicas de Itaituba, PA, que realizaram atividades durante o ensino remoto. Com perguntas divididas em múltipla escolha e abertas. Para as variáveis qualitativas, foi realizada uma análise descritiva, enquanto as questões abertas foram analisadas segundo a metodologia do discurso grupal. Os dados revelaram que, apesar das dificuldades em se adaptar ao uso de tecnologias digitais, o período pandêmico apresentou desafios significativos para a prática pedagógica e indubitavelmente, as tecnologias digitais como ferramenta principal ao ensino remoto, tornaram-se essenciais, embora participantes relatarem que isso não tornou as aulas mais atraentes.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades Pedagógicas; Desafios dos Professores; Ensino Remoto.

REMOTE EDUCATION FROM THE COVID-19 PANDEMIC: THE CHALLENGES FACED BY TEACHERS IN ITAITUBA-PA

ABSTRACT

During the COVID-19 pandemic, the population was surprised by several changes. Among them was the educational method, as students in face-to-face education had to adapt to the emergency remote learning method in order to continue the school year. In this context, teachers faced the need to reinvent themselves to continue their pedagogical activities, and although it was challenging, the period made the use of digital technologies in education indispensable. This study aimed to analyze the experiences of teachers and the challenges faced in emergency remote learning, through a qualitative and descriptive research, using a non-probabilistic sample formed by questionnaires applied to regular elementary school teachers in public schools in Itaituba, PA, who carried out activities during remote learning. The questions were divided into multiple-choice and open-ended formats. For qualitative variables, a descriptive analysis was conducted, while the open-ended responses were analyzed using the group discourse methodology. The data revealed that, despite the difficulties in adapting to the use of digital technologies, the pandemic period presented significant challenges for pedagogical practices, and undoubtedly, digital technologies as the main tool for remote learning became essential, although participants reported that this did not make the lessons more engaging.

KEYWORDS: Challenges for Teachers; Pedagogical Activities; Remote Teaching.

INTRODUÇÃO

A pandemia causada pela Covid-19, que chegou ao Brasil no início de 2020, alterou protocolos não somente na área da saúde como também nas demais atividades humanas. O cenário modificou-se, especialmente em função das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) (WHO, 2020) no que se refere ao distanciamento físico, medida essencial para achatamento da curva de infectados, ou seja, para diminuir a velocidade de contágio, possibilitando o cuidado, pelos sistemas de saúde, e minimizar o impacto de pessoas infectadas.

Rocha (2020), assegura que reaprender a ensinar e reaprender a aprender foram desafios persistentes no isolamento social de todo o Brasil. De fato, a pandemia fez com que os profissionais da educação buscassem maneiras alternativas e diferentes das atuais para ministrar suas aulas de forma remota. Os educadores tiveram que se reinventar para conseguir lecionar *online*, e os alunos precisaram entender o momento e persistir na nova forma de aprender disponível, sobretudo, sem o contato presencial e caloroso dos professores.

As transformações na educação, provocadas pelo ensino remoto, revelaram desigualdades e dividiram os discentes em dois grupos: Aqueles que tinham apoio familiar, lar estruturado e acesso as tecnologias; e aqueles que não tinham um lar estruturado e letramento adequado dos pais, deste modo o primeiro grupo estudou, enquanto o segundo, não (MOREIRA *et al.*, 2021).

O afastamento dos alunos das aulas presenciais, durante o período de pandemia, não significou o afastamento deles da escola. O ensino, nas instituições, passou então a ser remoto, o mesmo precisou ser remodelado e a concepção de

educação foi ampliada pela utilização das tecnologias (MONTEIRO *et al.*, 2021). Escolas, professores, alunos e famílias tiveram que se adaptar a um novo modelo de ensino em meio às incertezas e fragilidades causadas pela pandemia (ROSA *et al.*, 2022; BARROSO *et al.*, 2023).

ENSINO REMOTO

As opções denominadas ferramentas de tecnologias digitais disponíveis para unificação e divulgação em redes para uso no ensino aprendizagem são variadas, desde as mais formais como salas virtuais (Moodle e Google Classroom), às mais abertas como *podcasts*, *blogs*, vídeos e *sites* (SILVA; KALHIL, 2018). Nesse sentido, já havia uma visão do uso de recursos digitais para complementar o ensino na forma remota, antes mesmo da pandemia do covid-19, tendo assim possibilidade de agregar para uma aprendizagem futura.

Senhoras (2020) destaca os impactos negativos da pandemia de Covid-19 na educação, como a interrupção do processo de ensino-aprendizagem e o aumento da evasão escolar, que exigiram a adoção de medidas estratégicas imediatas para garantir a continuidade dos estudos, além de esforço na elaboração de um plano para resolver os problemas e promover a normalização dos ciclos escolares no médio prazo.

Os professores usaram o que tinham a seu dispor, elaboraram estratégias para um bom funcionamento das aulas remotas durante a pandemia de Covid-19, tendo que planejar para o ensino remoto todo o conteúdo programático que normalmente seria trabalhado durante o ano letivo presencialmente em sala de aula. O uso de plataformas online e outros recursos digitais, a distribuição de materiais de estudos impressos e a transmissão de aulas via TV aberta e rádio foram as principais estratégias adotadas e/ou anunciadas pelas secretarias de educação durante o período de quarentena (CUNHA, 2020).

Vale ressaltar que as dificuldades em ter acesso à esses meios digitais de ensino durante o ensino remoto afetam de forma direta alguns alunos, sobre isso Cunha (2020, p.32), afirma:

Em tempos de pandemia essa exclusão pode alcançar os que estão na escola, os que até o início das medidas de isolamento a frequentavam regularmente. Fazemos essa afirmação porque com o distanciamento social e o predomínio de estratégias que dependem das tecnologias da informação e comunicação, uma parcela dos estudantes enfrentam ou enfrentarão dificuldades para acessarem e permanecerem vinculados à escola.

Com isso, vários alunos deixaram de ter acesso às aulas remotas por falta de equipamentos devido às baixas condições financeiras, com implicações no início de uma evasão forçada. O autor acima ainda complementa, que, há aqueles alunos que mesmo que dispunham de celulares ou computadores, já se encontravam obsoletos para o bom funcionamento de aplicativos e plataformas utilizadas para o ensino remoto, tendo dificuldade de acompanhar as aulas. Há ainda as famílias que não dispõem de equipamentos para todos usarem ao mesmo tempo, outros alunos usuários que dependiam do compartilhamento de internet com domicílios vizinhos. Isso mostra a

fragilidade na condição de inclusão digital, sujeito à iminência constante de ser excluído (CUNHA, 2020). Ou seja, não basta o aluno ter as ferramentas necessárias para o ensino remoto, mas também que elas sejam adequadas para um bom funcionamento.

TRABALHO DOCENTE NO ISOLAMENTO SOCIAL

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece, no artigo 32, que "o ensino fundamental será presencial, sendo a modalidade de ensino a distância utilizada como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais." Com a chegada da pandemia, o MEC (BRASIL, 2020) reconheceu legalmente a carga horária de ensino remoto na rotina dos docentes, no entanto, essa nova configuração exige ajustes nos contratos e nos processos de trabalho, o que pode representar riscos à saúde dos professores, já que a excepcionalidade do trabalho não foi acompanhada por medidas especiais de regulamentação e proteção ao trabalhador.

Sem dúvida, o isolamento social foi crucial como estratégia para conter a propagação do vírus, sendo uma norma sanitária implementada pelo Ministério da Saúde e pelos governos estaduais, abrangendo toda a população, sem distinção de grupos sociais. No entanto, sob a perspectiva do trabalho, essa nova realidade do trabalho remoto enfraqueceu os coletivos de trabalhadores, que historicamente se fortaleceram nos ambientes de trabalho, considerados espaços de encontro e de realização, tanto de atividades individuais quanto coletivas (ALMEIDA; DIAS, 2022; ARAUJO; PESSOA, 2023).

O isolamento social impôs um novo desafio à construção de sociabilidades e laços coletivos no trabalho docente, que se baseavam na proximidade física. Essa conexão foi enfraquecida, com reflexos previstos para o futuro, especialmente em um cenário marcado pelo trabalho em plataformas, semelhante à 'uberização' do mercado, que revela uma nova face da precarização do trabalho (SLEE, 2017). Nesse contexto, Venco (2019) e Andrade (2020) observam que o aumento do número de professores contratados temporariamente nos diversos sistemas de ensino no Brasil, os chamados 'professores eventuais', pode ser considerado uma forma de trabalho subordinado.

Essa modalidade de relação de trabalho precarizada contribui para o fenômeno conhecido como 'desprofissionalização docente', uma vez que pode dispensar a qualificação específica para ministrar aulas (VENTURELLI, 2020). A contratação de professores eventuais, convocados frequentemente minutos antes do início da aula e muitas vezes sem o planejamento pedagógico adequado, exemplifica essa situação (CAMARGO; MEDEIROS 2023). O isolamento social resultou em mal-estar individual no ambiente de trabalho, desafiando as organizações sindicais a desenvolverem novas ações coletivas de resistência e luta contra as condições nocivas do trabalho (IANNI *et al.*, 2022). Autores como Linhart (2007) afirmam que as novas políticas de gerenciamento sob o capitalismo contemporâneo desmantelam as bases da solidariedade e das práticas comunitárias.

Na mesma linha de raciocínio, Castel (2015) enfatiza que as relações de proximidade, resultantes da inserção social das pessoas, são essenciais para a reprodução de suas existências e a garantia de proteção. Nesse contexto, defende-se que as representações sindicais dos trabalhadores desempenham papel crucial na promoção de mudanças nas condições de trabalho nas escolas, visando fortalecer processos de emancipação e a defesa coletiva da saúde (SOUZA; BRITO, 2012). O

declínio dos laços de solidariedade entre os trabalhadores é uma característica marcante do ambiente de trabalho neoliberal, e vale ressaltar que quatro décadas de neoliberalismo tornaram a classe trabalhadora mais vulnerável ao enfrentar esses desafios (GEDIEL; ROSSA, 2024; BRAGA, 2024).

A ausência de um sistema robusto de proteção e seguridade social, juntamente com o enfraquecimento das redes de solidariedade, se intensificou no contexto de incertezas e ameaças de desemprego trazidas pela pandemia (PAN *et al.*, 2021). Diante desse cenário, é essencial refletir sobre novas formas de resistência dos trabalhadores, que podem surgir como estratégias de socialização e enfrentamento das dificuldades relacionadas ao trabalho e à defesa da saúde. A criação de coletivos, a promoção de práticas de apoio mútuo e a valorização da organização entre os trabalhadores são algumas das alternativas que podem fortalecer essa luta por dignidade e segurança (CASTRO, 2020).

No decorrer do tempo, o professor e sua prática assumiram novas configurações. Ao visitar o século XIX, pode-se perceber embasados na pedagogia tradicional, a figura do professor como o detentor do saber. Saviani (1997) afirma que a pedagogia tradicional surge com o intuito de construir uma sociedade democrática, nesse cenário, a ignorância foi identificada como causa da marginalidade, a escola então, deveria instruir e transmitir conhecimentos, e ao bom professor cabia o domínio do conteúdo, tornar-se uma autoridade a ser respeitada, ou seja, um modelo a ser seguido.

A inclusão das tecnologias da comunicação e da informação modificou e adicionou novos atributos ao bom professor. Se o saber pode ser obtido em outros espaços e, inclusive, sem a presença do educador, qual o papel deste indivíduo neste momento? Dessa forma, Souza *et al.* (2021) reforçam que esse profissional, por curiosidade, necessidade, desejo de aprender ou por força do momento, foi inserido na educação à distância. Em muitos casos, trata-se de alguém que sempre teve referência no ensino presencial, inicialmente como estudante e posteriormente como educador, que se depara com o novo, e em meio a essas demandas surgem muitos desafios ao professor, propiciando uma reflexão acerca de situações que causam desgastes e priorizam a profissão docente (BARROS *et al.*, 2021). Os referidos autores redigem dois desafios presentes na formação dos docentes.

O primeiro desafio reside na ausência de formação e memórias da docência e discência *online*. De acordo com Santos (2019), vivemos a cibercultura, como autores, atores ou excluídos digitais. Para o autor, o educador possui a ferramenta, mas é excluído por não saber utilizá-la de forma cidadã. Urge investir em formação docente de qualidade, pois o professor não precisa só aprender a utilizar os recursos, ele necessita aprender a se comunicar por meio deles, a interagir, a gerar situações de aprendizagem.

O segundo desafio está presente na autoria e autonomia do professor. Na educação à distância, a docência apresenta-se na figura do professor ou do tutor. Existe uma fragmentação na divisão das atividades, o professor que elabora os materiais, os conteúdos, e o tutor que é responsável em se apropriar do material pronto para mediar a aprendizagem (VELOSO; MILL, 2018). Nesse caso, não há a participação no planejamento, somente na execução das atividades. Muitas vezes, o tutor, mesmo possuindo formação equivalente, não é valorizado, apenas executa os “pacotes prontos” (BRANCO; PASSOS, 2020).

O mundo muda e com ele o homem, Freire (1999, p. 39) define que “o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é”. A escola de hoje requer um docente aberto para essas mudanças, inovador, capaz de promover discussões e estimular o protagonismo. Uma educação em que o professor tenha um novo olhar de como se ensina e como se aprende e tenha a tecnologia como sua aliada, capaz de facilitar o aprendizado.

Silva e Camargo (2015) relatam que:

a aceleração do desenvolvimento tecnológico tem acentuado de maneira enfática o aspecto essencialmente mutante da cultura contemporânea, o que implica dizer que o modelo de ensino vigente não corresponde mais à realidade e às necessidades do contexto sociocultural da história recente.

É fato que a educação vive um processo de grandes transformações, tendo em vista as mudanças que vem impactando o fazer docente, e a pandemia só veio acelerar e acentuar este processo. No entanto, uma educação emancipadora e transformadora, requer investimento em qualificação docente (de modo que o professor seja capaz de dominar a utilização dessas novas tecnologias), assim como condições dignas de trabalho, já que a aprendizagem dos estudantes está diretamente relacionada às condições de trabalho destes profissionais.

Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo analisar as experiências, os desafios e expectativas do Ensino Remoto, vivenciada por professores de duas escolas do município de Itaituba, Pará, atuantes no ensino fundamental durante o período de isolamento social, decorrente da pandemia de Covid-19. Através de suas experiências trazer um olhar para a realidade do ensino do nível básico no município supracitado, e identificar elementos e/ou aspectos vivenciados durante o ensino remoto, os quais servirão de importante herança para o ensino presencial.

MATERIAIS E METODOS

O presente estudo foi desenvolvido, na cidade de Itaituba que está localizada no sudoeste do estado do Pará, compondo a região de integração do Tapajós (Aveiro, Rurópolis, Jacareacanga, Novo Progresso e Trairão) (FAPESPA, 2020). Itaituba possui população estimada em 123.312 pessoas, distribuída em uma área territorial de 62.042 km². A taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade é cerca de 94,4% (IBGE, 2022). O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica aponta que o município se encontra no *ranking* estadual em 49º lugar, com nota de 4,7 no ano de 2021.

Para realizar esta pesquisa obteve-se acesso aos professores de duas escolas da rede pública municipal de ensino fundamental, na zona urbana do município de Itaituba, no ano de 2022. A Escola Municipal de Ensino Fundamental AGUIAR DO SABER comporta 555 alunos atendidos no ensino fundamental, em turnos matutino e vespertino, contando com 20 professores. Já a Escola Municipal de Ensino Fundamental ANTONIO GONZAGA BARROS comporta cerca de 828 alunos e 39 professores com ensino em séries iniciais e séries finais do ensino fundamental e ensino regular EJA (Educação de Jovens e Adultos). Ambas possuem salas amplas e

refrigeradas, refeitório, sala de leitura, espaço para esporte e salas AEE (Atendimento Educacional Especializado) para os alunos.

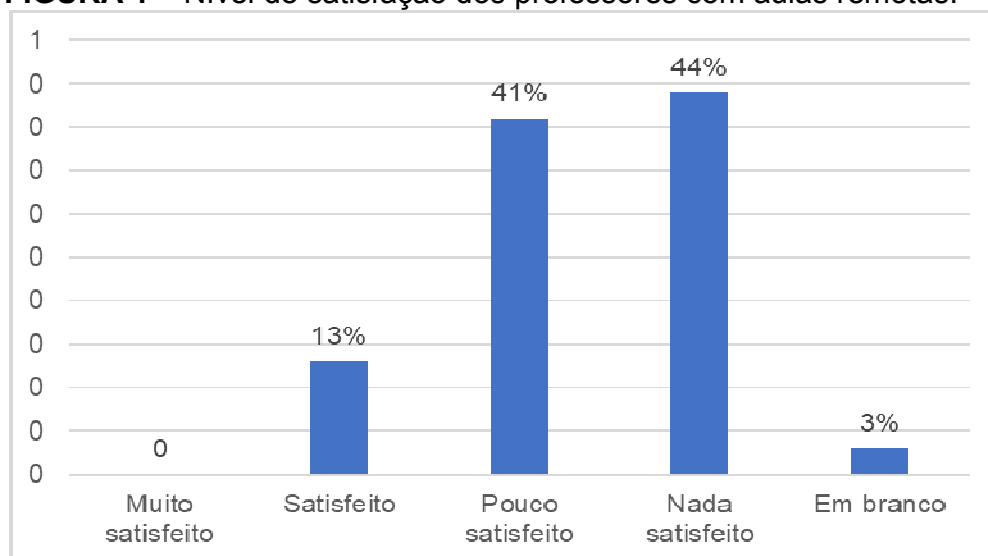
Este estudo foi realizado através de questionários impressos, compostos por 13 questões, contendo perguntas de múltipla escolha e abertas, respondidos de forma individualizada por 32 professores, de diferentes disciplinas pedagógicas, e que lecionavam em turmas de 5º ao 9º ano durante a pandemia da Covid-19. As questões foram elaboradas objetivando compreender e retratar a realidade vivenciada pelos docentes do ensino fundamental da rede pública do município de Itaituba durante o período do ensino remoto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O município teve suas aulas presenciais interrompidas no dia 19 de março de 2020. A fim de cumprir uma declaração da OMS (Organização Mundial da Saúde) sendo esta declaração, um estado de calamidade na saúde e só houve retorno oficialmente no formato não presencial, no dia 16 de junho de 2020 a partir de um anúncio feito pela ASCOM/SEMED.

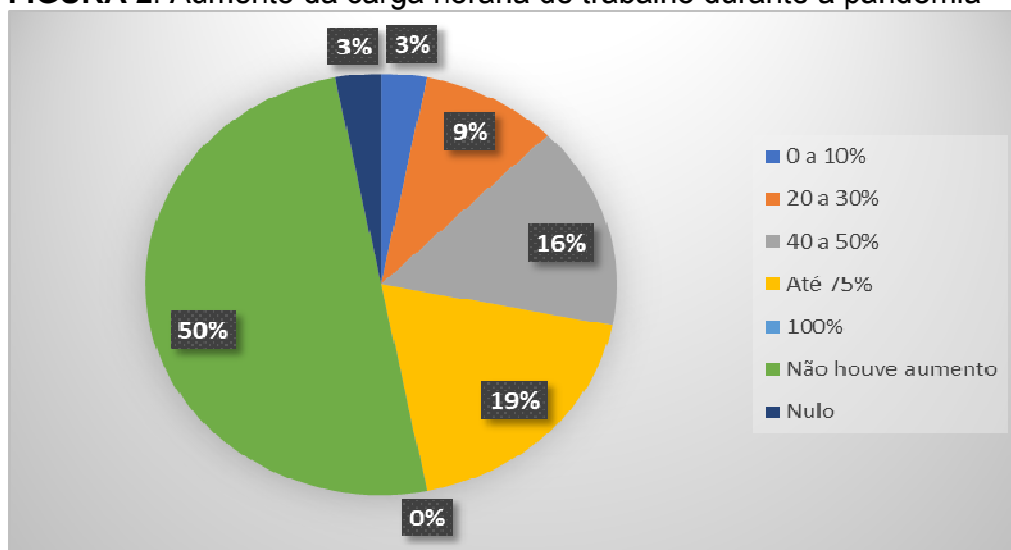
O nível de satisfação com o ensino durante o período remoto, apresentado pelos professores entrevistados foi baixo (Figura 1), apesar de grande parte destes informarem não ter elevação de carga horária (Figura 2).

FIGURA 1 – Nível de satisfação dos professores com aulas remotas.



Fonte: Autores (2024)

FIGURA 2. Aumento da carga horária de trabalho durante a pandemia



Fonte: Autores (2024)

Ao observar estas duas figuras (Figura 1 e 2), notou-se que a insatisfação dos docentes não estava relacionada ao aumento da carga horária oficializada durante o ensino remoto, pois não houve aumento para mais de 50% dos entrevistados. Isso não significa que o trabalho real dos professores não tenha aumentado, a preparação e adaptação dos professores para o novo formato de ensino, muitas vezes não eram computadas. Muito embora a maioria das TICs (tecnologias da informação e comunicação) usadas durante o ensino remoto já existissem e seu uso incentivado, mesmo antes da pandemia de Covid 19, a utilização era opcional para o professor, o qual tinha como objetivo primordial prestar ao estudante um ensino eficiente e proporcionar atendimento individualizado aos alunos que necessitavam (SANTOS; ZABOROSKI, 2020), já no ensino remoto os professores precisaram se aprimorar e fazer uso das diversas opções de TICs antes não utilizadas por eles, o que demandou tempo e esforço, não consideradas como carga horária docente.

Em um estudo realizado por Souza e Frazão (2020) desenvolvido com professores e alunos da Escola Cidadã Integral Técnica Professor Bráulio Maia Júnior em Campina Grande – PB, onde os professores lecionam para os três anos do Ensino Médio e os alunos são estudantes do 3ª ano do ensino médio, 40% dos entrevistados destacou como principais dificuldades enfrentadas no processo de ensino e da aprendizagem durante o ensino remoto, o reconhecimento de novas ferramentas digitais, como estas poderiam ser inseridas no cotidiano e consequentemente na realidade dos estudantes, visto que o processo de ensino e aprendizagem teve que se adequar a esse momento atípico. Outros 40% disseram que manter os alunos motivados e participativos foi o mais difícil e, 20% alegaram ser um grande desafio a falta de recursos financeiros para aquisição de equipamentos para ministrar aulas online.

Nesta pesquisa quando questionados sobre a frequência dos alunos durante as aulas remotas, apenas nove dos professores entrevistados indicaram frequência de até 75% dos alunos nas aulas remotas (Figura 3). O ensino remoto foi a tática utilizada

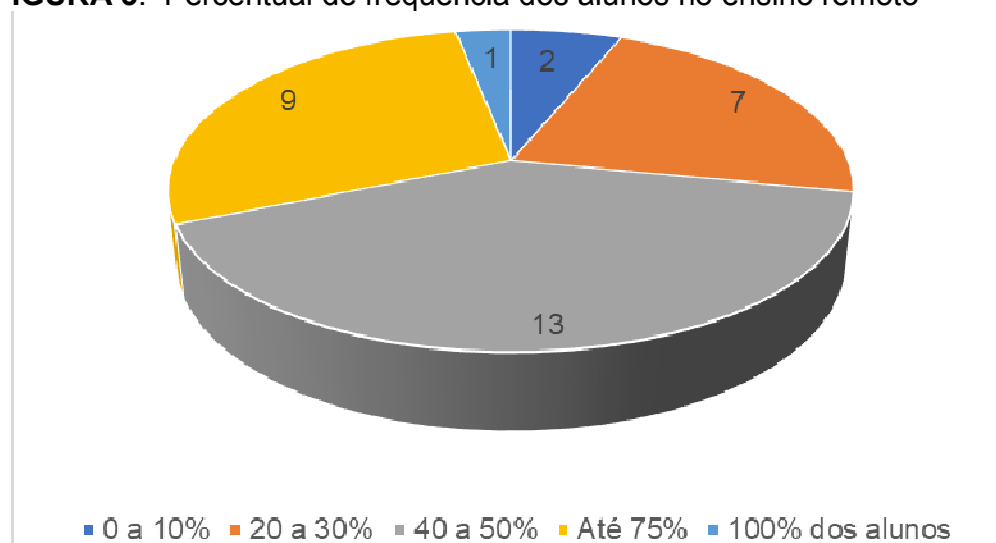
durante a pandemia em uma tentativa de minimizar os prejuízos na educação e no método de ensino aprendizagem, no entanto, não se pode negar as diversas deficiências atreladas a este, tais como dispor de boa conexão e aparelhos, tanto por parte dos alunos como dos professores, para possibilitar a sincronicidade durante as aulas, ou até mesmo o local adequado para assistirem as aulas de forma exclusiva.

Albuquerque *et al.* (2021) discutem que o ensino que dispensa a presença física dos envolvidos constitui um considerável desafio, tendo em vista que estão acostumados ao ensino presencial e não dispõem das características elencadas, desta forma os estudantes em idade escolar não devem simplesmente ser transferidos das salas de aulas físicas para os ambientes virtuais. Ainda segundo os autores, para muitas escolas, restringir suas ações às plataformas digitais seria excluir um número considerável de seus estudantes dos processos pedagógicos.

Sendo assim, atividades impressas a serem entregues nas residências dos estudantes ou obtidas em suas respectivas escolas foram imprescindíveis para que inúmeros sujeitos, já excluídos do universo digital, não fossem excluídos uma segunda vez, foi o ocorrido de imediato e resultou em frequências não satisfatórias em atividades síncronas.

Vale ressaltar que o ensino emergencial durante a pandemia, previsto na resolução nº 02 do CNE de 10 de dezembro de 2020 como: “atividades pedagógicas não presenciais na Educação Básica, entende-se como o conjunto de atividades realizadas com mediação tecnológica ou por outros meios, a fim de garantir atendimento escolar essencial durante o período de restrições de presença física de estudantes na unidade educacional”. Desta forma, o ensino remoto contou com a utilização de aulas síncronas, com horário marcado e simulando o ambiente das aulas presenciais, professores e alunos interagindo em tempo real, aulas assíncronas com gravações de vídeo aulas, apresentações *online*, compartilhamento de arquivos, atendimento por aplicativos e plantões de tira dúvidas, na tentativa de manter a interação do aluno com o ambiente escolar (ALBUQUERQUE, 2022).

FIGURA 3. Percentual de frequência dos alunos no ensino remoto



Fonte: Autores (2024)

Quanto à capacitação docente, a maioria dos professores tiveram que buscar individualmente treinamentos para manuseio das plataformas digitais (Quadro 1). Isto evidenciou que os docentes precisaram dedicar parte do tempo para se auto treinar e tempo para preparação de aulas. O que demonstrou deficiência quanto ao apoio institucional aos entrevistados e consequentemente aos estudantes, diante do novo cenário, considerando que pode refletir na qualidade do ensino ofertado pelo docente diante da limitação de conhecimento para o uso dos recursos disponíveis.

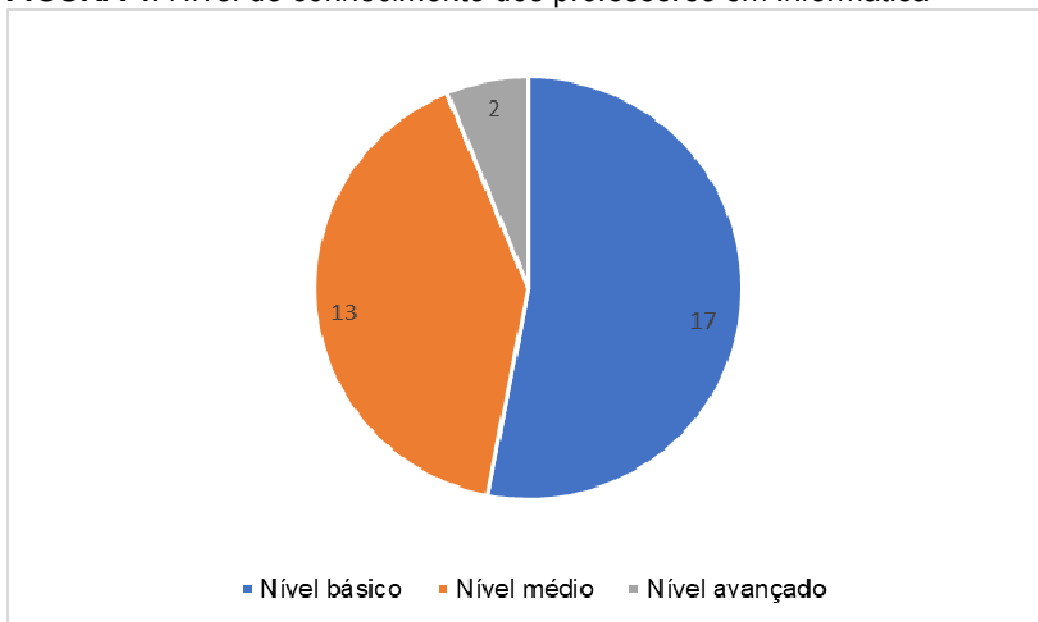
QUADRO 1. Quantitativo de professores que tiveram algum tipo de treinamento para uso das plataformas digitais

Tipo de treinamento e sua forma oferecida para uso das ferramentas digitais	Número de respostas dos professores participantes
Treinamento Institucional	2
Autotreinamento	21
Não teve treinamento	7
Respostas em branco	2

Severo (2021), afirma que a transição do ensino presencial para o ensino remoto exigiu além da transposição da forma habitual de ensino para ambientes virtuais, construir caminhos de autonomia e criatividade. O exercício dessa autonomia perpassa pelo planejamento de situações de aprendizagem que permitam maior flexibilização no ritmo e no cumprimento de programas de conteúdos, bem como pelo acolhimento de assuntos que mobilizam, cognitivamente e afetivamente, os estudantes, sendo necessárias reflexões que percebam, sintam, olhem e vejam as complexas situações sociais, familiares e psicoafetivas dos discentes.

Quando questionados sobre o nível de conhecimento em informática, 53% dos entrevistados afirmaram ter conhecimento básico, outros 40% ter conhecimento intermediário e apenas 7% ter conhecimento avançado (figura 4). Através da análise dos dados coletados, observou-se que dos 32 docentes, 17 destes professores afirmaram ter tido dificuldades para a utilização de equipamentos tecnológicos e mídias digitais na gravação e/ou edição de vídeo aulas, ou para as aulas ao vivo, outros disseram não se sentir preparados para dar aulas à distância, tendo em vista sua formação acadêmica. Entretanto, os docentes afirmaram que a interação professor e aluno ficou prejudicada no ensino remoto, e com isso resultou em gastar mais tempo na preparação das aulas e atividades remotas.

FIGURA 4. Nível de conhecimento dos professores em informática



Fonte: Autores (2024)

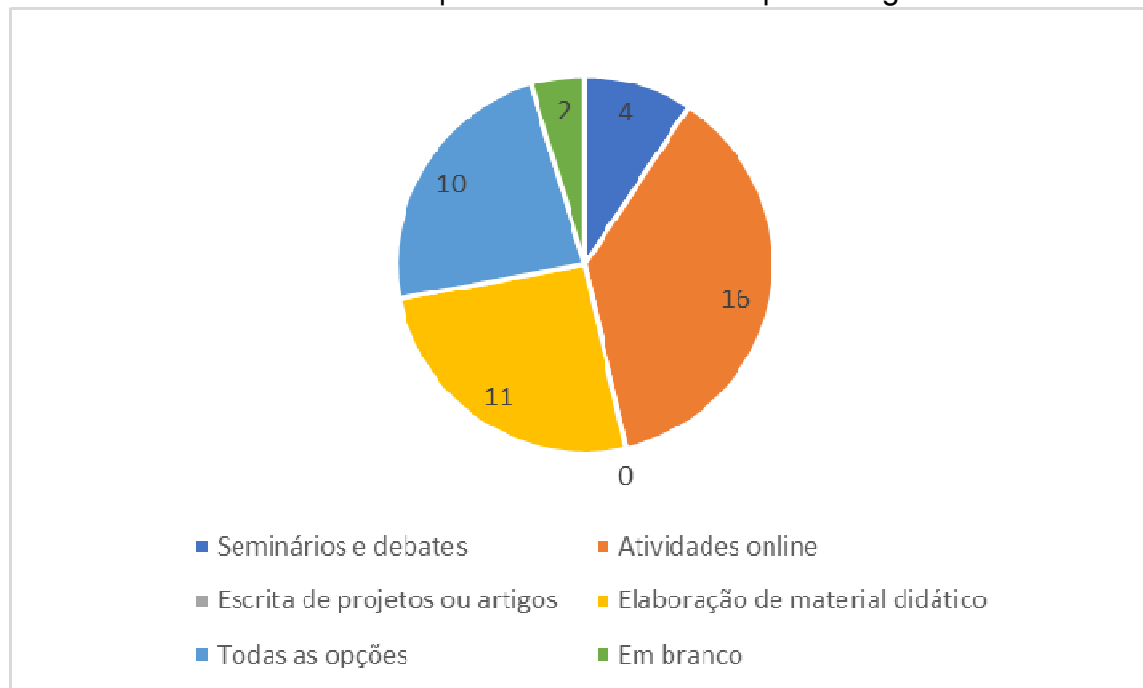
É importante ressaltar que o nível de conhecimento em informática está fortemente relacionado às outras duas questões àqueles que buscaram autotreinamento e que estavam insatisfeitos com o ensino remoto. Avelino e Mendes (2020) relatam que antes mesmo do isolamento social, havia a dificuldade de fazer os recursos tecnológicos chegarem até as escolas e muitas famílias já não tinham acesso à tecnologia, além disso, no contexto pandêmico, muitos desses problemas foram potencializados. Para os autores os discentes se depararam com desafios de não terem recursos para acompanhar as aulas virtuais e realizar as atividades de modo *online* de imediato, tendo que usar seus próprios recursos tecnológicos para possibilitar as aulas, e por outro lado, muitos professores também não conseguiram acompanhar a dinâmica exigida pelas aulas remotas.

A falta de recursos para realização de atividades *online* é fator que influencia diretamente na qualidade da aula ministrada e consequentemente no interesse/entusiasmo do discente por parte do processo ensino-aprendizagem, como bem destacado por Tassoni (2011):

Defender o sucesso escolar relacionado à permanência e ao direito à educação significa repensar o ensino e o valor da escola na aprendizagem efetiva do aluno. Significa viabilizar situações reais de aprendizagem em que os alunos se apropriem do conhecimento, atribuam significado a ele e sintam-se parte do processo educativo e da sociedade em que vivem. As situações de grande atividade cognitiva vivenciadas com sucesso geram uma motivação tal que contribui para uma aproximação maior entre o aluno e o objeto de conhecimento (TASSONI, 2011, p. 64).

Como ilustrado na figura 5, 50% dos docentes optaram pela aplicação de atividades *online* aos alunos, neste caso, entende-se como questionários elaborados para avaliá-los, estes feitos dentro do *Google Forms* e similares.

FIGURA 5. Métodos utilizados para facilitar o ensino-aprendizagem



Fonte: Autores (2024)

Dos docentes participantes, apenas cinco afirmaram que o ensino remoto é o mesmo que ensino a distância, enquanto nove afirmaram que, no ensino remoto, os professores não estavam sendo mais reconhecidos pelo seu papel. Em relação à aprendizagem dos alunos no ensino remoto em comparação com o ensino presencial, independente das notas, 15 dos professores afirmaram que a aprendizagem ficou prejudicada. Durante a pandemia, a porcentagem de alunos que não conseguiram acompanhar as atividades *online*, apresentou média de 65% de ausência nas atividades remotas.

Quando os professores foram perguntados sobre o principal fator que prejudicou o acompanhamento das atividades *online* pelos alunos, nove professores disseram ser a falta de internet e aparelhos eletrônicos em casa; apenas um disse ser a falta de espaço apropriado para estudo e três disseram ser pela falta de incentivo e cobrança por parte dos responsáveis, e pela falta de motivação e interesse por parte dos alunos. Além disso, 16 professores afirmaram que o perfil socioeconômico das famílias influenciava na aprendizagem dos alunos, sendo que 12 afirmaram que esse fator influenciava muito, quatro professores afirmaram influenciar pouco.

Como destacado por Albuquerque (2022) o acesso e permanência do aluno na escola não é motivada por um único fator, e a pandemia evidenciou vários problemas, não só no ambiente intraescolar, mas também extraescolar com reflexo na educação

tais como: Perda de emprego dos responsáveis, restrição alimentar, trabalho infantil, violência doméstica, abuso sexual, dificuldades financeiras levaram à restrição da internet e/ou a aparelhos tecnológicos.

CONCLUSÕES

A partir da análise das experiências e dos desafios enfrentados pelos professores entrevistados nesse estudo, concluiu-se que, a educação remota não se mostrou satisfatória para a maioria dos docentes questionados. São muitas as limitações que influenciaram a prática pedagógica durante o ensino remoto, dentre as quais se destacaram o alto índice de ausência dos discentes nas aulas *online*, e a dificuldade da maioria dos professores em utilizar as ferramentas tecnológicas de ensino devido à falta de formação específica para essa área, o resultou demandando muito esforço da parte do professor para o preparo das aulas, aumentando assim sua carga de trabalho sem que esta fosse contabilizada em sua carga horária formal. Apesar do uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas aulas ser amplamente defendido e incentivado, ainda falta qualificação dos docentes para que possam fazer uso das mesmas com eficiência. Com isso, tornou-se manifesto a necessidade de investimento na formação continuada docente na área tecnológica e afins, para que as TICs façam parte do cotidiano escolar. Assim como atualização de instrumentos de trabalho e de políticas públicas educacionais, voltadas a dar suporte para os professores e alunos para que possam de fato englobar um ensino de equidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L. C. Acesso e permanência dos discentes em tempos de ensino remoto: há tantas pedras no caminho? **Revista Humanidade & Inovação**, Palmas, v. 9, n. 24, p. 1-10, 2022. Disponível: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7611>.

ALBUQUERQUE, L. C.; DINIZ, L. E.; ARAUJO, E. J. M.; BAPTISTA, M. G. A. Frequência escolar e ensino remoto: desafios à educação em tempos de pandemia. **Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, v. 10, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/5236>. Doi: <https://doi.org/10.35819/tear.v10.n2.a5236>

ALMEIDA, S. N. C.; DIAS, T. H. O. O impacto da Covid-19 nas relações trabalhistas: desafios da adequação normativa ao teletrabalho. **Revista Jurídica Luso-Brasileira**, v.8, n.6, 2022. Disponível em: https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2022/6/2022_06_2067_2096.pdf

ANDRADE, R. C. A educação brasileira e a pandemia: breve olhar conjuntural. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, mai/2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-educacao-brasileira-e-a-pandemia-breve-olhar-conjuntural/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

ARAUJO, R. S. D.; PESSOA, Q. R. S. Y. Trabalho, pandemia e serviço público: A precarização da classe trabalhadora brasileira. **Revista Valore**, Volta Redonda, 8, e-8068, 2023.

AVELINO, W. F.; MENDES, J. G. A realidade da educação brasileira a partir da COVID-19. **Boletim de conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, 2020. Disponível em <https://revista.ufrr.br/boca/article/view/AvelinoMendes>.

BRAGA, P. H.; Individualização e Neoliberalismo: Uma Contribuição à Investigação da Emergência do Neoliberalismo. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v.27, e97378. 2024 ISSN 1982-0259. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2024.e97378> ARTIGO ORIGINAL.

BARROS, C. C. A.; SOUZA, A. S.; DUTRA, F. E; GUSMÃO, R. S. C.; CARDOSO, B. L. C. Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2021. Disponível: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4975>.

BARROSO, R. F.; SILVA, S. L.; TERRIEN, J. Pandemia e Ensino Remoto no Nível Médio: uma Análise do Ambiente de Estudos e do Desempenho Escolar de Alunos no Interior do Ceará. **EaD em Foco**, v. 13, n. 1, e2067, 2023. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v13i1.2067>.

BRASIL – Ministério da educação. **Parecer CNE/CP Nº: 2/2020**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=144311-pcp002-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 05 mar. 2024.

BRANCO, J. C. S.; PASSOS, D.O. R. Condições do trabalho docente e de tutoria na ead: fragilização e Precariedade. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. v.13, n. 32, e14262, 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v13i32.14262>

CAMARGO, M. R.; MEDEIROS, C. C. C. **A prática pedagógica de professores temporários da rede estadual de ensino do estado do Paraná**. Revista Leia Escola, v. 23, n. 2, P. 125- 140, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10445832>.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

CASTRO, J. A. Proteção social em tempos de Covid-19: Rio de Janeiro, v. 44, n. especial 4, p. 88-99, dez/2020. Disponível: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/4VYSSSLsmZ4754Cv6tsfJDy/?format=pdf&lang=pt>

CUNHA, P. A. **A pandemia e os impactos irreversíveis na educação**. Redação **Revista Educação**. Publicado em 15 de abr/2020. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/04/15/pandemia-educacao-impactos/>. Acesso em: 4 abr. 2022.

FAPESPA - **Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará.** Estatística Municipal de Itaituba (2020) Disponível em: <http://www.fapespa.pa.gov.br/upload/Arquivo/anexo/1295.pdf?id=1600126622>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade.** 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GEDIEL, J. A. P.; ROSSA, T. H. A. A autonomia contratual dos trabalhadores e a experimentação jurídica neoliberal. **Revista Direito e Práxis**, v. 15, n. 1, 2024, p. 1-24. DOI: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2022/63730%20%7C>

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (2022) **Censo Demográfico de 2022.** Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/itaituba/panorama>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

IANNI, Z. M. A.; COSTA, S. I. M.; TRAVAGIN, B. L.; SERRA, L. I.; Individualização e trabalho no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. **Saúde Debate**, v. 46, n. 134, P. 857-869, 2022. DOI: 10.1590/0103-1104202213419

LINHART, D. **A desmedida do capital.** São Paulo: Boitempo, 2007.

MOREIRA, A. D.; SANTOS, A. R.; HALMANN, A. L.; GOMES, E. J. Ensino remoto, desafios e desigualdades educacionais: o enfrentamento à pandemia em Riacho de Santana, Bahia. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 14, n. 33, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/16564><https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/16564>. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v14i33.16564>

MONTEIRO, C. A.; RIBEIRO, A. W. G.; SILVA, S. S.; BARBOSA, S. M. V.; A Adaptação Inicial Na Educação Infantil Durante O Ensino Remoto: A Experiência De Uma Escola Da Rede Municipal De Campina Grande (Pb). In: Congresso Nacional de educação, 7, 2021, online. **Anais...** online: Realize, 2021. p. 1-12. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/80655>

PAN, C. L.; OLIVEIRA, L. M.; SILVA, J. M.; MALFITANO, S. A. P.; LOPES, E. R.; Proteção social e experiências terapêutico-ocupacionais: a vida na pandemia de Covid-19. **Interface** (Botucatu). 2021; 25 (Supl. 1): e200753 <https://doi.org/10.1590/interface.200753>.

ROCHA, M. B. (Re) Aprender a ensinar em tempos de Covid-19: discutindo os desafios na prática docente. **Revista Práxis**, v. 12, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/download/3489/2718>. Acesso em: 8 abr. 2024

SANTOS, E. **Pesquisa-formação na cibercultura.** Teresina: EDUFPI, 2019.

ROSA, S. S.; RODRIGUES, M. L. A.; OLIVEIRA, P. A.; TEIXEIRA, F. R. M.; ROBAINA, L. V. J.; A Pandemia e a adaptação do ensino remoto em uma escola do/no campo de Nova Santa Rita/Rs. **Studies in Education Sciences**, Curitiba, v.3, n.1, p. 284-296 , jan./mar., 2022. DOI: 10.54019/sesv3n1-017

SANTOS, J. R.; ZABOROSKI, E. A. Ensino remoto e pandemia covid-19: desafios e oportunidades de alunos e professores. **Revista Interações**, v. 16, n. 55, (2020). DOI: <https://doi.org/10.25755/int.20865>

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação** -curvatura da vara -onze teses sobre educação e política. 31 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

SENHORAS, E. M. Coronavírus e educação: Análise dos impactos assimétricos. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 128–136, 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/135>. DOI: 10.5281/zenodo.3828085.

SEVERO, J. L. R. L. Pedagogia da ruptura: ocupando as margens do ensino remoto para criações didático curriculares. **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. 1, p. 1-5, 2021. ISSN2177-2886. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.19831579.2021v14n1.56411>.

SILVA, R. A.; CAMARGO, A. L. **A cultura escolar na era digital. O impacto da aceleração tecnológica na relação professor-aluno, no currículo e na organização escolar**. In: Lilian Bacich; Adolfo Tanzi Neto; Fernando de Mello Trevisani (Org.). Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015

SILVA, W. A.; KALHIL, J. B. Tecnologias digitais no ensino de ciências: reflexões e possibilidades na construção do conhecimento científico. **Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática**, Cascavel, (PR), v.2, n.1, p. 77-91, abr/2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rebecem/article/view/19155/12603>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SLEE, T. **Uberização: a nova onda do trabalho precarizado**. São Paulo: Elefante, 2017

SOUZA, K. R.; BRITO, J. C. Sindicalismo, condições de trabalho e saúde: a perspectiva dos profissionais da educação do Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 379- 388, 2012. DOI: 10.1590/S1413-81232012000200012.

SOUZA, A. C.; BARROS, A. C. C.; DUTRA, D. F.; GUSMÃO, C. S.R.; CARDOSO, C. L. B. Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-23, 2021 <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/> ISSN: 2675-9144

SOUZA, S. C. M.; FRAZÃO, S. V. **O Ensino Remoto durante a Pandemia: Desafios e Perspectivas Para Professores e Alunos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Cabedelo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1228>

TASSONI, E. C. M. As experiências de sucesso na aprendizagem e suas relações com a permanência na escola. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v.16, n.1, p. 57-64, 2011. DOI: <https://doi.org/10.24220/2318-0870v16n1a44>

VELOSO, B.; MILL, D. Divisão e fragmentação do trabalho docente na Educação a Distância: uma análise crítica à luz da polidocência. **Revista EducaOnline**, v.12, n. 2, Maio/Agosto de 2018. ISSN: 1983-2664.

VENCO, S. Uberização do trabalho: um fenômeno de tipo novo entre os docentes de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, 2019. Suplemento 1. DOI: 10.1590/0102-311x00207317.

VENTURELLI, M. R. Docência, teletrabalho e covid-19: reinvenção, pressão e exaustão do professorado em tempos de quarentena. **Revista Pegada** – v. 21, n.3. Docente da rede pública de educação do estado de São Paulo – Centro Paula Souza e SEDUC-SP. 2020.

WHO - World Health Organization, 2020. Disponível: [HTTPS://WWW.WHO.INT/PT/NEWS-ROOM/SPEECHES/ITEM/WHO-DIRECTOR-GENERAL-S-OPENING-REMARKS-AT-THE-MEDIA-BRIEFING-ON-COVID-19---11-MARCH-2020](https://www.who.int/pt/news-room/speeches/item/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020)